

**Nas bancas**

# 3D: estudo alerta para necessidade de teste de acuidade para crianças

Avaliação com 128 estudantes demonstra que 60 deles tinham dificuldades

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

Filmes, jogos de videogame, aparelhos de televisão e, até mesmo, material didático. O universo de imagens tridimensionais (3D) está cada vez mais em expansão. Se por um lado a tecnologia agrada a todo tipo de público, por outro, desperta a preocupação de profissionais. É o caso da enfermeira e ortoptista Monalisa Jaime Sbampato Souto. Ela avaliou 128 estudantes de uma escola estadual de ensino fundamental de Campinas e detectou que 60 deles possuíam algum grau de dificuldade para enxergar imagens em profundidade. “Os exames foram realizados independentemente se a criança apresentava algum sintoma, utilizava óculos ou havia feito consulta oftalmológica prévia. Ou seja, é fundamental o trabalho de prevenção, principalmente nas escolas. Estamos falando de 47,6% dos avaliados com algum tipo de alteração”, destaca a enfermeira.

Monalisa Souto defende um protocolo para a inclusão preventiva do teste de acuidade estereoscópica na avaliação da saúde ocular dos estudantes ao ingressarem na escola. Este teste permite detectar algum tipo de alteração visual para imagens tridimensionais, independentemente das queixas. Em geral, explica ela, são adotados apenas exames de acuidade visual tradicionais em que se identificam alterações mais básicas como a necessidade ou não de utilização de óculos para miopia ou hipermetropia. “Ainda assim, estes testes não obedecem a um cronograma contínuo. Com a invasão forte de materiais em 3D, minha inquietação é que não existem ações em relação às prevenções acerca das perdas visuais”, alerta.

Segundo a ortoptista, o teste de acuidade estereoscópica é relativamente simples, rápi-



A enfermeira e ortoptista Monalisa Jaime Sbampato Souto, autora da dissertação: “Muitas crianças podem até ser classificadas como incapazes”

do e pode ser feito até mesmo por um professor bem treinado. O custo dos instrumentos é baixo – em torno de R\$ 500,00 – perto dos benefícios que pode oferecer para a criança que, uma vez detectada alguma alteração, seria encaminhada para um exame especializado com o oftalmologista. “Com a inserção de materiais didáticos tridimensionais, muitas crianças podem até ser classificadas como incapazes de acompanhar alguma atividade, quando na verdade o problema está na dificuldade de reconhecer a tridimensionalidade”, analisa a enfermeira, lembrando que as lousas eletrônicas estão cada vez mais presentes em sala de aula.

A pesquisa de mestrado apresentada por Monalisa na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) teve a orientação da professora Ma-

ria Elisabete Rodrigues Freire Gasparetto. A questão central do estudo foi, justamente, fazer um alerta para a população sobre as capacidades visuais individuais e detecção das alterações precocemente. A enfermeira percebeu que poderia oferecer uma contribuição com o estudo ao deparar com uma cena no cinema em que estava projetando um filme em 3D. Uma senhora pediu para trocar várias vezes os óculos com o recepcionista. “Percebi que não era defeito dos óculos, e sim uma alteração que esta senhora tinha para enxergar em profundidade”, esclarece.

As causas são as mais variadas e as alterações são mais fáceis de encontrar do que se imagina. Um exemplo, conforme a enfermeira, são as pessoas estrábicas, monoculares e com algum tipo de desvio ocular. “É uma

espécie de doença silenciosa, pois a pessoa pode não atentar para o problema que tem. Aliás, no caso de estudantes, muitas vezes nem o professor ou os pais atentam para a questão”, analisa. No estudo, Monalisa fez entrevistas com os professores dos voluntários e observou que eles tinham a percepção de que apenas seis crianças tinham dificuldades para enxergar.

Outra vertente do trabalho realizado por Monalisa Souto destaca a importância do profissional ortoptista para a avaliação das perdas visuais e o acompanhamento de condutas terapêuticas para correção dos problemas. A profissão não possui regulamentação e a sua especialização está desaparecendo das faculdades. “O ortoptista é pouco conhecido pela população, mas deve ganhar destaque nos próximos anos com as tendências da tridimensionalidade”, acredita. Monalisa lembra que a profissão surgiu, justamente, a partir de uma epidemia de tracoma que atingiu os pilotos ingleses na Segunda Guerra Mundial causando baixa visual em um dos olhos e consequentemente a perda da noção de profundidade. Foi notado que se envolviam em acidentes sempre que aterrissava o avião por não reconhecerem a terceira dimensão. “Daí surgiu o teste ortóptico e, consequentemente, a profissão de ortoptista, que atua auxiliando o oftalmologista”.

## Publicação

**Dissertação:** “Saúde ocular de alunos do ensino fundamental”

**Autor:** Monalisa Jaime Sbampato Souto

**Orientador:** Maria Elisabete Rodrigues Freire Gasparetto

**Unidade:** Faculdade de Ciências Médicas (FCM)

# Quando o preconceito entra em campo

Dissertação de educadora física mostra como meninas enfrentam barreiras em escolinhas

Ao analisar o comportamento nos treinos conjuntos de meninas e meninos de uma escola de futebol franqueada em Campinas, a educadora física Aline Viana constatou que o preconceito de gênero ocorre de forma silenciosa. Ela ressalta que as meninas até foram aceitas no espaço de treino do futebol, diferentemente do que ocorre no ambiente escolar nas aulas de educação física. No entanto, não participavam ativamente do jogo como os meninos, mal tocavam na bola e não protagonizavam as principais cenas da partida, ainda que pagassem a mesma mensalidade e, portanto, tivessem os mesmos direitos. “Em campo, elas representavam um papel de coadjuvante”, define.

Durante quatro meses, Aline observou os treinos, filmou e registrou em diário de campo todas as atividades realizadas no período. Além disso, alunos e alunas foram entrevistados, assim como o professor. A pesquisa etnográfica permitiu que observasse as diferenças que levaram, inclusive, as meninas a desistirem de praticar futebol naquele espaço. “Algumas desanimaram por causa do preconceito de gênero e da metodologia utilizada pelo professor e, também neste aspecto, reside um dos motivos de a escola ter um contingente insignificante de adolescentes do sexo feminino”, destaca. Na turma observada, Aline registrou uma média de 25 meninos e cinco meninas matriculadas.

Uma das surpresas ao longo do estudo de mestrado que Aline apresentou na Faculdade de Educação Física (FEF), com a orientação da professora Helena Altmann, foi o papel do professor para reforçar os estereótipos em torno das mulheres no futebol. Em alguns momentos a educadora física ouviu frases jocosas, entre as quais “já lavou a lou-



A educadora física Aline Viana: “É preciso respeitar as características individuais”

ça antes de vir para o treino?”. Em outras situações, as meninas eram preteridas como, por exemplo, para jogar como goleiras, por serem consideradas mais frágeis que os meninos e incapazes de realizar os fundamentos exigidos nesta posição. “Há uma falsa legitimação de que todos os meninos são hábeis e todas as meninas, inábeis. Com isso, o ensino do futebol acaba por não atingir a todos”, avalia.

Um aspecto curioso foi observar que os pais e as mães das meninas não permaneciam durante o treino de suas filhas, enquanto as mães dos meninos compareciam durante todo o período de jogo. As questões de feminilidade e de masculinidade também foram notadas pela pesquisadora. Fora do

campo, as meninas eram mais “femininas” e apresentavam um comportamento diferente daquele observado dentro do campo, com os meninos. “Em campo, elas imitavam os trejeitos masculinos, como cuspir no chão e proteger os órgãos genitais e não os seios enquanto aguardavam, na barreira, uma cobrança de falta. Por outro lado, os meninos eram vaidosos e não entravam em campo sem gel no cabelo. Também eram eles que utilizavam as chuteiras rosa”, descreve.

Aline Viana teve em sua história a principal motivação para a realização da pesquisa. Aos 12 anos de idade ela trocou as sapatilhas do balé pelas chuteiras. Sonhou em ser jogadora de futebol, mas logo acordou para a dura realidade da prática do futebol feminino no Brasil.

A ausência de patrocínio e os preconceitos a fizeram desistir. “Em muitas situações que me deparei durante o estudo enxergava também a minha própria história quando cheguei a treinar em um time e sonhar em ser uma jogadora profissional”, afirma.

Ela lembra que, no início da década, a carreira no futebol era sonho inatingível para os meninos, quanto mais para as meninas. Mas, Aline insistiu e tentou a arbitragem. Também esbarrou no preconceito e, com as dificuldades e desafios, não persistiu. Partiu para a carreira como técnica, na qual desenvolveu alguns projetos de iniciação esportiva e permanece até hoje.

Para a educadora física, ainda que as mulheres conquistem diversos espaços na mídia, é visível a hegemonia masculina na prática do futebol. Em sua opinião, é necessário primeiramente desmistificar os preconceitos oriundos das concepções de gêneros. “Do ponto de vista pedagógico, o jogo só será possível quando meninos e meninas forem vistos dentro dos ambientes de ensino e aprendizagem como corpos esportivos, quando as experiências forem reconhecidas e as características individuais respeitadas”. (R.C.S.)

## Publicação

**Dissertação:** “As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?”

**Autor:** Aline Edwiges dos Santos Viana

**Orientador:** Helena Altmann

**Unidade:** Faculdade de Educação Física (FEF)

**Financiamento:** Capes